

morte o mesmo medo que lhe infundem as assombrações.

— Mas é preciso então — replicou Sócrates — que lhe façam exorcismos todos os dias, até que as encantações o tenham libertado disso uma vez por todas!²⁶

78 a — Mas, Sócrates, onde poderemos encontrar contra esse gênero de terrores um bom exorcista, uma vez que estás prestes a deixar-nos?

— A Grécia, Cebes, é bem grande — respondeu Sócrates — e nela não faltarão homens capazes! E, além dela, quantas nações bárbaras existem!²⁷ Dirigi vossa busca por entre todos esses homens; e na procura de um tal exorcista não poupeis trabalhos nem bens, repetindo convosco, a cada momento, que nada há em que possais com mais proveito gastar a vossa fortuna! Mas, antes disso, é necessário que procureis entre vós mesmos, pois talvez vos seja muito difícil encontrar uma pessoa que esteja em melhores condições do que vós para realizar essa tarefa!²⁸

→ — Pois bem, assim faremos! — disse Cebes. — Agora voltemos à investigação, no ponto em que a deixamos, a menos que isso te cause aborrecimento.

— Muito ao contrário, isso agrada-me muito! Por que havia de ser de outro modo?

26 Alusão aos costumes populares, que acreditavam na possibilidade de expulsar fantasmas e assombrações mediante a recitação cantada de certas fórmulas mágicas. (N. do T.)

27 Nações bárbaras quer dizer nações estrangeiras, e não nações incultas; Platão não ignorava que os egípcios possuíam doutrinas muito importantes acerca da ciência. (N. do T.)

28 De fato foram os discípulos de Sócrates, que constituíram a mais rica sementeira de doutrinas e escolas da antiguidade. (N. do T.)

— Ah, é bom ouvir isto! — disse Cebes.

— Não é uma questão, mais ou menos como esta, a que temos de propor-nos: quais são as coisas que são suscetíveis de decomposição? A propósito de que espécie de coisas devemos temer esse estado, e para que espécie de seres isso não acontece? Depois disso, teremos ainda de examinar qual dos dois é o caso da alma, para finalmente, conforme o resultado que obtivermos, haurir daí confiança ou temor com respeito à nossa alma.

— É verdade.

— Não é, pois, às coisas compostas ou àquelas cuja natureza é composta, que cabe corresponder precisamente a composição? Mas, se acontece haver alguma coisa não-composta, não é só a ela que convém, mais do que a qualquer outra coisa, o escapar a esse estado de decomposição?²⁹

— Sim — disse Cebes — é o que penso; assim deve ser.

— Dize-me então: os seres que sempre se conservam imutáveis e sempre se comportam do mesmo modo, não é altamente verossímil que sejam esses precisamente os seres que não se decompõem? Ao contrário, o que jamais é o mesmo, o que ora se comporta de um modo, ora de outro, é ou não é isso o que chamamos composto?

— Segundo penso, é.

— Passemos, agora, àquilo para onde nos havia encaminhado a argumentação precedente! Essa essência, de cuja existência falamos em nossas interrogações e em nossas respostas,

29 Opinião dos filósofos Anaxágoras e Empédocles: o transformar-se resulta da composição de certas substâncias simples; o desaparecer nada mais é do que a decomposição ou desagregação destas substâncias anteriormente unidas num corpo composto. (N. do T.)

dize-me: comporta-se ela sempre do mesmo modo, mantém a sua identidade, ou ora se apresenta de um modo, ora doutro? Pode-se admitir que o Igual em si mesmo, o Belo em si mesmo, que cada realidade em si — o ser — seja suscetível de uma mudança qualquer? Ou acaso cada uma dessas realidades verdadeiras, cuja forma é uma em si e por si, não se comporta sempre do mesmo modo em sua imutabilidade, sem admitir jamais, em nenhuma parte e em coisa alguma, a menor alteração?

— É necessário — disse Cebes — que todas conservem do mesmo modo a sua identidade, Sócrates!

— E, doutra parte, que dizer dos múltiplos objetos, como homens, cavalos, vestimentas, ou quaisquer outros do mesmo gênero, e que são ou iguais, ou belos — são sempre os mesmos ou apostos às essências pelo fato de nunca estarem no mesmo estado nem em relação a si nem em relação aos outros?

— E dessa maneira — atalhou Cebes — eles nunca se comportam da mesma forma.

79 a. — Assim, pois, a uns podes tocar, ver ou perceber por intermédio dos sentidos; mas quanto aos outros, os seres que conservam sua identidade, não existe para ti nenhum outro meio de captá-los senão o pensamento refletido, pois que os seres desse gênero são invisíveis e subtraídos à visão?

— Nada mais certo!

— Admitamos, portanto, que há duas espécies de seres: uma visível, outra invisível.

— Admitamos.

— Admitamos, ainda, que os invisíveis conservam sempre sua identidade, enquanto que com os visíveis tal não se dá.

— Admitamos também isso.

— Bem, prossigamos — tornou Sócrates. — Não é verdade que nós somos constituídos de duas coisas, uma das quais é o corpo e a outra, a alma?

— Nada mais verdadeiro!

— Com qual dessas duas espécies de seres podemos dizer, pois, que o corpo tem mais semelhança e parentesco?

— Eis uma coisa que é clara para toda a gente: com a espécie visível.

— Por outro lado, que é a alma? Coisa visível ou coisa invisível?

— Não é visível, pelo menos aos homens, Sócrates!

— Todavia, quando falamos do que é visível e do que não o é, fizemo-lo com relação à natureza humana? Ou talvez creias que foi a propósito de qualquer outra coisa?

— Foi a propósito da natureza humana.

— Portanto, que diremos da alma? Que ela é coisa visível, ou que não se vê?

— Que não se vê.

— Vale dizer, por conseguinte, que ela é uma coisa invisível?

— Sim.

— Logo, a alma tem com a espécie invisível mais semelhança do que o corpo, mas este tem, com a espécie visível, mais semelhança do que a alma?

— Necessariamente, Sócrates.

— Não dizíamos, ainda há pouco, que a alma utiliza às vezes o corpo para observar alguma coisa por intermédio da vista, ou do ouvido, ou de outro sentido? Assim o corpo é um instrumento, quando é por intermédio de algum sentido que se faz o exame da

coisa. Então a alma, dizíamos, é arrastada pelo corpo na direção daquilo que jamais guarda a mesma forma; ela mesma se torna inconstante, agitada, e titubeia como se estivesse embriagada: isso, por estar em contato com coisas desse gênero.

— Realmente.

^d — Mas quando, pelo contrário — nota bem! — ela examina as coisas por si mesma, quando se lança na direção do que é puro, do que sempre existe, do que nunca morre, do que se comporta sempre do mesmo modo — em virtude de seu parentesco com esses seres puros — é sempre junto deles que a alma vem ocupar o lugar a que lhe dá direito toda realização de sua existência em si mesma e por si mesma. Por isso, ela cessa de vaguear e, na vizinhança dos seres de que falamos, passa ela também a conservar sempre sua identidade e seu mesmo modo de ser: é que está em contato com coisas daquele gênero. Ora, este estado da alma, não é o que chamamos pensamento?

— Muito bem dito, Sócrates, e muito verdadeiro!

^e — Portanto, ainda uma vez: com qual das duas espécies mencionadas, segundo te parece, diante de nossos argumentos passados e dos de agora, a alma tem mais semelhança e parentesco?

— Penso não haver ninguém, Sócrates, por mais dura que tenha a cabeça, que seja capaz de não concordar, seguindo este método, em que, em tudo e por tudo, a alma tem mais semelhança com o que se comporta sempre do mesmo modo, do que com as coisas que não o fazem.

— E o corpo, por seu lado?

— Com a outra espécie.

— Tomemos agora um outro ponto de vista. Quando estão juntos a alma e o corpo, a este a natureza consigna servidão e obediência, e à primeira comando e senhorio. Sob este novo aspecto, qual dos dois, no teu modo de pensar, se assemelha ao que é divino, e qual o que se assemelha ao que é mortal? Ou acaso pensas que o que é divino existe, por sua natureza, para dirigir e comandar, e o que é mortal, ao contrário, para obedecer e para ser escravo?

— Penso como tu.

— Com qual dos dois, portanto, a alma se assemelha?

— Nada mais claro, Sócrates! A alma, com o divino; o corpo, com o mortal.

— Bem; examina agora, portanto, Cebes, se tudo o que foi dito nos conduz efetivamente às seguintes conclusões: a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, múltiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. Contra isto, meu caro Cebes, estaremos em condições de opor uma outra concepção, e provar que as coisas não se passam assim?

— Não, Sócrates.

— Que se segue daí? Uma vez que as coisas são assim, não é acaso uma pronta dissolução o que convém ao corpo, e à alma, ao contrário, uma absoluta indissolubilidade, ou pelo menos qualquer estado que disso se aproxime?

— E por que não, com efeito?

— Mas a esta altura podes fazer a seguinte reflexão: depois da morte do homem, o que nele há de visível, seu corpo, a parte que continua visível, ou, por outra, o que chamamos cadáver, a isto é que convém dissolver-se, desagregar-se, dissipar-se em fumo, e entre tanto nada de tudo isso lhe acontece imediatamente. Bem ao contrário, ele resiste durante um tempo relativamente longo. Sobretudo para um corpo que, ao morrer, está cheio de vida e em todo o seu viço, tal duração é de fato muito grande. Ademais, é fato que, se for reduzido e embalsamado como as múmias do Egito, sua conservação será quase perfeita durante uma duração, por assim dizer, incalculável. Além disso há, mesmo num corpo em putrefação, certas partes, como os ossos, os tendões e outras do mesmo gênero, que são, pode-se dizer, imortais. Não é verdade?

— É.

— Mas então a alma, aquilo que é invisível e que se dirige para um outro

lugar, um lugar que lhe é semelhante, lugar nobre, lugar puro, lugar invisível, o verdadeiro país de Hades, para chamá-lo por seu verdadeiro nome³⁰, perto do Deus bom e sábio, lá para onde minha alma deverá encaminhar-se dentro em breve, se Deus quiser; então há de ser essa alma, digo, cujos caracteres e constituição natural acabamos de ver, então há de ser ela que, tão depressa se separe do corpo, se dispersará e aniquilará, assim como pretende o comum dos homens? Não, muito ao contrário, meu caro Cebes, meu caro Símiias; muito ao contrário, vede o que acontece.

³⁰ Alusão à filosofia contemporânea de Platão: os gregos derivavam a palavra ᾠδης (Hades) de α e ᾠδης encontraram nesta palavra a significação de invisível, explicando simplesmente que Hades, como rei dos mortos, mora com as almas destes debaixo da terra, e é por isso invisível aos homens e aos outros deuses. Mas Platão modifica a aceção: Hades é o "invisível verdadeiro", isto é, a substância invariável, eterna e imperceptível aos sentidos, mas captável pelo espírito, que depois da morte se aparta dos obstáculos da matéria (corpo) e vê diretamente o Hades, isto é, o ser eterno. (N. do T.)

O Destino das almas

“Suponhamos que seja pura a alma que se separa do corpo: deste ela nada leva consigo, pela simples razão que, longe de ter mantido com ele durante a vida um contato voluntário, ela conseguiu, evitando-o, concentrar-se em si mesma e sobre si mesma, e também pela razão de que foi para esse resul-

tado que ela tendeu. O que equivale exatamente a dizer que ela se ocupa, no bom sentido, com a filosofia, e que, de fato, sem dificuldade se prepara para morrer. Poder-se-á dizer, pois, de uma tal conduta, que ela não é um exercício para a morte?”

— Sim, realmente é isso.

— Ora, se tal é o seu estado, é para o que se lhe assemelha que ela se dirige, para o que é invisível, para o que é divino, imortal e sábio; é para o lugar onde sua chegada importa para ela na posse da felicidade, onde divagação, irracionalidade, terrores, amores tirânicos e todos os outros males da condição humana cessam de lhe estar ligados, e onde, como se diz dos que receberam a iniciação, ela passa na companhia dos Deuses o resto do seu tempo! É deste modo, Cebes, que devemos falar, ou cumpre-nos procurar outro?

— Esse mesmo, por Zeus!

— Segundo me parece, pode-se também supor o contrário: que esteja poluída, e não purificada, a alma que se separa do corpo; do corpo, cuja existência ela compartilhava; do corpo, que ela cuidava e amava, e que a trazia tão bem enfeitada por seus desejos e prazeres, que ela só considerava real o que é corpóreo, o que se pode tocar, ver, beber, comer e o que serve para o amor; ao passo que se habituou a odiar, a encarar com receio e a evitar tudo quanto aos nossos olhos é tenebroso e invisível, inteligível, pelo contrário, pela filosofia e só por ela apreendido! Se tal é o seu estado, crês que essa alma possa, ao destacar-se do corpo, existir em si mesma, por si mesma e sem mistura?

— É totalmente impossível.

— Muito ao contrário, julgo eu, tu a crês mesclada de qualidades corpóreas que sua familiaridade com o corpo, de cuja existência partilhou, lhe tornou íntimas e naturais, pois que jamais cessou de viver em comunhão com ele e até mesmo procurou multiplicar as suas ocasiões de contato?

— Realmente.

— Sim, mas isso tem peso, meu caro; não o duvidemos: é denso, terrroso, visível! E uma vez que é este o conteúdo de tal alma, por ele é que ela se torna pesada, atraída e arrastada para o lugar visível, devido ao medo que lhe inspira o que é invisível e o que chamamos de país do Hades; essa alma ronda os monumentos funerários e as sepulturas, ao redor dos quais de fato foram vistos certos espectros sombrios de almas, imagens apropriadas das almas de que falamos. Elas, por terem sido libertadas, em estado de impureza e de participação com o visível, são assim também elas visíveis!

— Pelo menos é verossímil, Sócrates!

— Seguramente, Cebes! E o que certamente não o é, é pretender que essas almas sejam as almas dos bons. São as dos maus, que se vêem obrigadas a vaguear nesses lugares, que recebem assim o castigo de sua maneira de viver anterior, que foi má. E vagueiam desse modo até o momento em que encontram o companheiro desejado, algo corporiforme, e tornam a entrar num corpo! Ora, aquilo a que elas assim novamente se juntam, deve ser, como é natural, possuidor dos mesmos atributos que as distinguiram no curso de sua vida.

— Quais são, Sócrates, esses atributos de que falas?

— Exemplo: em corpos de asno ou de animais semelhantes é que muito naturalmente irão entrar as almas daqueles para quem, a voracidade, a impudícia, a bebedeira constituíram um hábito, as almas daqueles que jamais praticaram a sobriedade. Não pensas assim?

— Perfeitamente! É muito natural, com efeito.

— E para aqueles para os quais o mais alto prêmio era a injustiça, a tirania, a rapina, esses animarão corpos de lobos, falcões e milhafres. Ou acaso pode haver outra destinação para essas almas?

— Não. E bem é que assim seja — disse Cebes; — as almas desses homens tomarão essas formas.

— E é perfeitamente claro, para cada um dos outros casos, que o destino das almas corresponderá às semelhanças com o seu comportamento na vida?

— Bem claro; e como não haveria de ser assim?

— Os mais felizes — continuou Sócrates — serão aqueles cujas almas hão de ter um destino e lugar mais agradáveis, serão aqueles que sempre exerceram essa virtude social e cívica

que nós chamamos de temperança e de justiça e nas quais eles se formaram pela força do hábito e do exercício, sem o auxílio da filosofia e da reflexão?

— Mas em que sentido, dize-me, são esses os mais felizes?

— É que muito naturalmente sua migração se fará, de um modo adequado, para alguma espécie animal que tenha hábitos sociais e seja organizada de modo policiado, sem dúvida abelhas, vespas, ou formigas; ou ainda, se é que voltam realmente à forma humana, será para dar nascimento a pessoas honestas.

— Naturalmente.

— E quanto à espécie divina, absolutamente ninguém, se não filosofou, se daqui partiu sem estar totalmente purificado, ninguém tem o direito de atingi-la, a não ser unicamente aquele que é amigo do saber!

A função da filosofia

“Pois bem, aí estão, Símiás, meu amigo, e tu, Cebes, os motivos pelos quais os que, no exato sentido da palavra, se ocupam com a filosofia, permanecendo afastados de todos os desejos corporais sem exceção, mantendo uma atitude firme e não se entregando às suas solicitações. A perda de seu patrimônio, a pobreza não lhes infunde medo, como à multidão dos amigos das riquezas; e, da mesma forma, a existência sem honrarias e sem glória,

que lhes confere o infortúnio, não é capaz de atemorizá-los, como faz aos que amam o poder e as honras. Por isso, eles permanecem afastados dessa espécie de desejos.”

— Aliás, o contrário de tudo isso, Sócrates, é que lhes ficaria mal! — acrescenta Cebes.

— De fato, por Zeus! Eis aí por que motivo se aparta de todas essas pessoas, Cebes, o homem que tem alguma preocupação com sua alma e

cuja vida não é gasta em mimar o corpo. Seu caminho não se confunde com o daqueles que não sabem para onde vão. Acreditando que não deve agir em sentido contrário à filosofia, nem ao que ela proporciona para libertar-nos e purificar-nos, esse homem volta-se para o lado dela e segue-a na rota que ela lhe aponta.

— De que modo, Sócrates?

— Vou dizer-te. É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta. E o que é maravilhoso nesta prisão, a filosofia bem o percebeu, é que ela é obra do desejo, e quem concorre para apertar ainda mais as suas cadeias é a própria pessoa! Assim, digo, o que os amigos do saber não ignoram é que, uma vez tomadas sob seus cuidados as almas cujas condições são estas, a filosofia entra com doçura a explicar-lhes as suas razões, a libertá-las, mostrando-lhes para isso de quantas ilusões está inçado o estudo que é feito por intermédio dos olhos, tanto como o que se faz pelo ouvido e pelos outros sentidos; persuadindo-as ainda a que se livrem deles, a que evitem deles servir-se, pelo menos quando não houver imperiosa necessidade; recomendo-lhes que se concentrem e se voltem para si, não confiando em nada mais do que em si mesmas, qualquer que seja o objeto de seu pensamento.

Que não creiam enfim senão no próprio testemunho desde que tenham examinado bem o que cada coisa é na sua essência e que se persuadam de que as coisas que são examinadas por meio de um intermediário qualquer nada possuem de verdadeiro, e pertencem ao gênero do sensível e do visível enquanto que o que elas vêem pelos seus próprios meios é inteligível e, ao mesmo tempo, invisível!

“Contra essa libertação a alma do verdadeiro filósofo persuade-se de que não se deve opor, e por isso se afasta tanto quanto possível dos prazeres, assim como dos desejos, dos incômodos e dos terrores. Ela sabe com efeito que, quando sentimos com intensidade um prazer, um incômodo, um terror ou um desejo, por maior que seja o mal que possamos sofrer nesse momento, entre todos os que se podem imaginar — cair doente, por exemplo, ou arruinar-se por causa de suas paixões — ela sabe que não há nenhum desses males que não seja ultrapassado por aquele que é o mal supremo; é deste mal que sofremos, e não o notamos!”

— E que mal é esse, Sócrates?

— É que em toda alma humana, forçosamente, a intensidade do prazer ou do sofrimento, a propósito disto ou daquilo, se faz acompanhar da crença de que o objeto dessa emoção é tudo o que há de mais real e verdadeiro, embora tal não aconteça. Esse é o efeito de todas as coisas visíveis, não é?

— Efetivamente.

— E não é em tais afetos que no mais alto grau a alma fica sujeita às cadeias do corpo?

— De que modo, dize?

— Assim: todo prazer e todo sofrimento possuem uma espécie de cravo

com o qual pregam a alma ao corpo, fazendo, assim, com que ela se torne material e passe a julgar da verdade das coisas conforme as indicações do corpo. E pelo fato de se conformar a alma ao corpo em seus juízos e comprazer-se nos mesmos objetos, necessariamente deve produzir-se em ambos, segundo penso, uma conformidade de tendências assim como também uma conformidade de hábitos; e sua condição é tal que, em consequência, ela jamais atinge o Hades em estado de pureza, mas sempre contaminada pelo corpo de que sai; o resultado é que logo recai num outro corpo, onde de certa forma se planta e deita raízes. E por força disso fica desprovida de todo direito a participar da existência do que é divino e, portanto, puro e único em sua forma.

— Tuas palavras, Sócrates — disse Cebes — são a própria verdade!

— Aí estão, pois, Cebes, os motivos pelos quais aqueles que são, de fato, amigos do saber são prudentes e corajosos, e não pelas razões que alega o vulgo. Ou talvez penses também como o vulgo?

— Não, seguramente que não!

— Não, é verdade! Muito pelo contrário, eis como, sem dúvida, refletirá uma alma de filósofo: ela não irá pensar que, sendo o trabalho da filosofia libertá-la, o seu possa ser, enquanto a filosofia a liberta, o de se entregar voluntariamente às solicitações dos prazeres e dos sofrimentos, para tornar a colocar-se nas cadeias, nem o de realizar o labor sem fim duma Penélope que trabalhasse de maneira contrária àquela com que trabalhou aquela³¹. Não! ela acalma as paixões, liga-se aos passos do raciocínio e sempre está

presente nele; toma o verdadeiro, o divino, o que escapa à opinião, por espetáculo e também por alimento, firmemente convencida de que assim deve viver enquanto durar sua vida, e que deverá, além disso, após o fim desta existência, ir-se para o que lhe é aparentado e semelhante, desembaraçando-se destarte da humana miséria! Tendo sido esse o seu alimento, não há recear que ela tenha medo; nem — porquanto foi precisamente nisso, Sími-
mias e Cebes, que ela se exercitou — que tema vir a decompor-se no momento em que se separar do corpo, ou ser dispersada ao sopro dos ventos, ou dissipar-se em fumo e, uma vez dissolvida, não ser mais nada em nenhuma parte!

Depois destas palavras de Sócrates, fez-se um silêncio que durou algum tempo. Sócrates, isso se notava ao olhá-lo, tinha o espírito completamente absorto na meditação do argumento que acabara de expor, e o mesmo acontecia com a maioria dos presentes. Quanto a Cebes e Sími-
mias, estavam conversando a meia voz. Vendo isso, Sócrates dirigiu-se aos dois: — Dize-me se também não é vosso pensamento que falta alguma coisa ao que até agora dissemos? É bem certo que para trás ficou mais de um ponto suspeito, que daria margem a ataques contra nós se não fizéssemos uma suficiente revisão deles todos. Mas, se falais de outra coisa neste momento, então estou a interrogar-vos em vão! Se, pelo

31 Penélope: esposa de Ulisses, figura da *Odisseia*. Na ausência de seu marido, perseguida por muitos pretendentes que desejavam com ela casar, Penélope prometeu desposar um deles quando houvesse acabado de tecer um pano em que estava trabalhando. Mas desfazia durante a noite a parte que tecera de dia, de modo que jamais concluiu o trabalho, nem casou com nenhum pretendente. (N. do T.)